

## Gadamer E Ricoeur: Entre Verdade E Ideologia

### Gadamer And Ricoeur: Between Truth And Ideology

José Roberto Bonome<sup>1</sup>

Fabício Wantoil Lima<sup>2</sup>

Kerllen Rosa da Cunha Bonome<sup>3</sup>

**Resumo:** As pesquisas que se referem à interpretação e compreensão passam, necessariamente, em dois clássicos da hermenêutica, Hans-Georg Gadamer (1900-2002) e Paul Ricoeur (1913-2005). Na obra de Gadamer – Verdade e Método, de 1960, está elaborada uma teoria, mais que uma filosofia hermenêutica, onde aproxima, pelo método, a verdade expressa no texto à subjetividade do autor do texto, logo, a subjetividade do leitor se encontra com a subjetividade do escritor. Em Ricoeur o tema da ideologia e da utopia é destacado pelos autores para as reflexões contidas neste artigo.

**Palavras Chave:** Verdade. Método. Ideologia. Interpretação. Hermenêutica.

**Abstract:** researches relating to interpretation and understanding pass, necessarily, in two classics of hermeneutics, Hans-Georg Gadamer (1900-2002) and Paul Ricoeur (1913-2005). On Gadamer – Truth and method, from 1960, is an elaborate theory, but a hermeneutic philosophy, where approaches, by the method, the truth expressed in the text to the subjectivity of the author of the text, the reader's subjectivity lies with the subjectivity of the writer. In Ricoeur, the authors for the reflections contained in this article highlight the theme of ideology and utopia.

**Keywords:** Truth. Method. Ideology. Interpretation. Hermeneutics.

Partindo do pressuposto que possa existir alguma verdade, seja ela metódica ou não, é possível atribuí-la ao campo da epistemologia. Porém, as discussões epistemológicas são tantas que atribuem ao sujeito a compreensão do objeto, ou às vezes ao objeto a atribuição de se revelar ao sujeito cognoscente. A premissa inicial é que existe sujeito e objeto separados

---

<sup>1</sup> - Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília – UnB, Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Metodista de São Paulo – UESP. E-mail: bonomee@bol.com.br

<sup>2</sup> Professor Universitário. Advogado. Escritor. Pós-Doutor em Democracia e Direitos Humanos - *Ius Gentium Conimbrigae*/Centro de Direitos Humanos (IGC) da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (FDUC). Doutor em Ciências da Religião (PUC/GO). Mestre em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente - Ciências Ambientais (UniEvangélica/GO). Especialista em Direito Penal, Direito Processual e Direito Público (Univ); Especialista em Docência Universitária. Professor de Direito Ambiental do Curso de Direito do Centro Universitário UniEvangélica, do Curso de Direito da Faculdade Raízes e da Faculdade de Anicuns (FAN); Professor Pesquisador do Centro Universitário UniEvangélica, da Faculdade de Anicuns e da Faculdade Raízes. E-mail: professorfwl@hotmail.com.

<sup>3</sup> - Mestra em Direitos Humanos pela UFG, Diretora do Curso de Direito da Faculdade Raízes, Pesquisadora.

pela consciência da existência. Poderia, outrossim, partir da possibilidade de não existir qualquer conhecimento verdadeiro, mas isso seria uma tautologia negativa ou um paradoxo desnecessário<sup>4</sup>.

O que o conhecimento representa para a sociedade, seja ela oriental, ocidental, asiática, africana, ou oceânica, é a formatação de uma determinada experiência dita científica que se tem no mundo. Formata-se o conhecimento, enquadra-se na película da vida, registra-se nas máquinas do cérebro, impressões são fixadas nas tábuas dos corações, e assim, o conhecimento atua como ponto de convergência da apreensão das mundanidades e visões de mundo fragmentadas pela mundialização, globalização.

Conhecer é abstrair do mundo, das coisas e das ideias, isso mesmo, abstrair, retirar, tomar o sentido do mundo e das coisas, das coisas do mundo e do mundo das coisas, guardar isso na pretensão de estar absorvendo a essência, a alma, o espírito cósmico, universal, infinito das coisas. Se há uma alma, que se chamou de essência durante muito tempo, então é possível tomar suas impressões e guardá-las. Guardar a essência é guardar a alma, o espírito, o poder das coisas, uma espécie de canibalismo materialista<sup>5</sup>.

Como compreender a verdade a partir de uma nova dimensão, quer seja secular, capitalista, materialista, mecanicista, socialista, comunista, se tudo isso já pretendeu ser possível dentro do judaísmo e do cristianismo, e não apenas aí, mas também nas diversas tradições religiosas ao redor do mundo? Verdade é atitude ou até não-atitude teleológica, às vezes escatológica e às vezes voltada para o aqui e o agora. Verdade na nova compreensão é mercado, propaganda, divulgação, economia, mas isso tudo também está presente nas religiões e nas ciências. Verdade é negação ou afirmação do mundo, da existência, da finitude e do infinito, do fugaz e do eterno, mas também isso se insere nas definições tradicionais

---

<sup>4</sup> - Karl-Otto Apel, *Transformação da Filosofia I: filosofia analítica, semiótica e hermenêutica*. São Paulo: Loyola, 2000. Nesse livro Apel procura ressaltar a necessidade de diferenciar o humano do não humano, atribuindo ao humano características existenciais e não apenas do ser aí: “Por meio das maneiras de ser da ek-sistência, o ser humano difere do ser de todo ente não-humano, de modo tal que Heidegger pode afirmar o seguinte: ‘O ser humano é o ente que é na maneira da existência. Apenas o ser humano existe. A rocha é, mas não existe. A árvore é, mas não existe. O cavalo é, mas não existe’” – página 352.

<sup>5</sup> - Jean de Léry (1534-1613), o sapateiro europeu que se torna pastor de uma igreja em Genebra compara os piores crimes que acontecem na Europa com o canibalismo no Brasil do século XVI. Esteve aos 21 anos de idade no Brasil, volta para a França em 1558 e escreve *História de uma viagem feita à terra do Brasil*. Maiores detalhes em Frank Lestringant, *O Canibal: Grandeza e Decadência*. Brasília: UnB, 1997 (especialmente o capítulo 6).

atingindo e alicerçando até mesmo a mentalidade fundamentalista. Verdade para Gadamer e Ricoeur é o desvelamento, o desocultamento.<sup>6</sup>

Talvez seja melhor pensar em não compreensão, em niilismo, em abstração, em vácuo, silêncio absoluto, em realidade sem contorno definido, num mundo sem sombras e sem luar, sem medo ou coragem, sem morte, nem choro ou dor, felicidade constante, vida sempre, saúde contínua. Lembremos de Schopenhauer! Nietzsche!<sup>7</sup> Até mesmo de Jean-Paul Sartre e a sua náusea, Albert Camus e a problemática da vontade de Deus e a morte da criatura. É real o sonho ou é sonho a realidade? A existência necessariamente existe ou é necessário acreditar em algo que não necessariamente exista? Qual a importância do existir? Como dizia René Descartes, “nem nossa imaginação nem nossos sentidos nunca nos poderiam certificar de coisa alguma, sem a intervenção de nosso entendimento”<sup>8</sup>.

Uma nova compreensão passa, necessariamente, por uma nova compreensão de história<sup>9</sup>, de existencialidade, de visão de mundo, mas sem cair no Dogmatismo ou no Ceticismo<sup>10</sup>, não generalização de definições, não revelação para um ou uma família ou ainda uma nação, mas a possibilidade de que todos tenhamos revelações específicas ou então nenhum a tenha. Ou todos são capazes ou ninguém o é, ou ‘maioria’ ou ‘ninguém’ dirá a democracia. Esse regime político que não é capaz de resolver qualquer problema estrutural ou institucional, contrariamente, dá origem a tais problemas. República também é outra invenção burguesa no sentido de justificar o que está de antemão estabelecido. A coisa não é tão

---

<sup>6</sup> - Hans-Georg Gadamer (1900-2002); Paul Ricoeur (1913-2005).

<sup>7</sup> - Wilhelm Friedrich Nietzsche (1844-1900), desconfiou dos homens que, em nome de seu sistema, buscam vantagens pessoais: “Desconfio de todas as pessoas com sistemas e as evito. A vontade de sistema constitui uma falta de lealdade” – página 12

<sup>8</sup> - *Discurso do Método*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. – página 43.

<sup>9</sup> - Sobre a necessidade de uma nova compreensão de história ver Jacques Le Goff. *A Nova História*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. “Não há realidade histórica acabada, que se entregaria por si própria ao historiador. Como todo homem de ciência, este, conforme a expressão de Marc Bloch, deve, ‘diante da imensa e confusa realidade’, fazer a ‘sua opção’ – o que, evidentemente, não significa nem arbitrariedade, nem simples coleta, mas sim construção científica do documento...” – página 31 e 32. Alguns dos êxitos da Nova História são a história das mentalidades e a história dos comportamentos – uma espécie de história marginal. Como diz Hans-Georg Gadamer: Não somente uma teleologia à maneira da que o *Aufklärung* cultivava com a fé na razão, como também uma teleologia invertida que preserva a perfeição de um passado ou de um começo da história, continuam reconhecendo um padrão que se encontra além da história. (H-G Gadamer. *Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 4ª. Petrópolis: Vozes, 2002. Prefácio).

<sup>10</sup> - Dogmatismo e Ceticismo são correntes filosóficas antagônicas. O Dogmatismo é ingênuo quando afirma o pleno conhecimento da verdade; é crítico quando afirma a possibilidade de conhecer a verdade por meio da razão ou por meio do cientificismo. O Ceticismo é absoluto quando afirma que tudo é ilusão e nada pode ser conhecido; é relativo quando fenomenologicamente diz conhecer a aparência e não a essência das coisas, e probabilístico ao afirmar a verdade provável, mas nunca a certeza.

pública e nem tanto publicada, é até certo ponto secreta, guardada no silêncio das elites, nos cofres das casas abastadas<sup>11</sup>. O público é uma coisa, mas a coisa não é pública.

Uma nova compreensão precisa partir da premissa que o humano não é humano segundo as definições tradicionais, como animal pensante, e sim outras definições que completarão a arcaica, conservadora, não menos importante, mas insuficiente definição<sup>12</sup>. O humano é ser simbólico, construtor de idéias, destruidor de imagens, criador de mundos e destruidor ecológico, todas essas coisas estão presentes na raça humana, nos indivíduos que a compõem, mas podem estar, em algumas pessoas, ausentes em ato. A potencialidade está em todos, mas o ato é o que as diferencia. Ato é verbo, verbalização, criação, o mundo criado em ato de palavra, na ação verbalizada, no verbo que se diz ação, na comunicação<sup>13</sup>.

Verdade é a capacidade de decodificação das mensagens globais, das capacidades de filtragem das ondas tecidas como rede sobre o etéreo, ondas que carregam milhões de

<sup>11</sup> - Paul Ricoeur. *Interpretação e Ideologias*. 3ª. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. Ricoeur apresenta, no seu estudo das hermenêuticas, as concepções que assume o discurso, quando, por exemplo, o discurso revela e esconde. Todo texto escrito é uma revelação e uma ocultação. Há intencionalidade revelada e escondida. Portanto, sempre que se ouve ou se lê – talvez até mesmo quando se escreve – há intencionalidades não reveladas, mensagens subliminares. Diz: “É impossível que uma tomada de consciência se efetue de outra forma que não através de um código ideológico. Assim, a ideologia fica afetada pela esquematização inelutável que a ela se vincula; ao deixar-se afetar, ela se sedimenta, enquanto mudam fatos e situações. É esse paradoxo que nos leva ao limiar da função tão enfatizada de *dissimulação*”. – página 71.

<sup>12</sup> - Anthony Giddens. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991. O autor aponta, entre outras consequências da modernidade, a questão religiosa: “Crenças religiosas podem ser fonte de extrema ansiedade ou desespero – tanto que elas devem ser incluídas como um dos principais parâmetros de risco e perigo (vivenciados) em muitos cenários pré-modernos. Mas em outros aspectos as cosmologias religiosas proporcionam interpretações morais e práticas da vida pessoal e social, bem como do mundo natural, o que representa um ambiente de segurança para o crente. A deidade cristã nos ordena: ‘Confie em mim, pois eu sou o único e verdadeiro Deus’. A religião é um meio organizador de confiança de mais de uma maneira. E o que é mais importante, as crenças religiosas tipicamente injetam fidedignidade na vivência de eventos e situações e formam uma estrutura em termos da qual eles podem ser explicados e respondidos” – página 105.

<sup>13</sup> - Karl-Otto Apel, *Transformação da Filosofia I e II*. São Paulo: Loyola, 2000. Apel trabalha com a linguagem: “Em cada diálogo entre seres humanos, pode ocorrer que um dos envolvidos deixe de tentar produzir a unidade lingüística na comunicação, avaliando o que outro diz mais como um sintoma de circunstâncias objetivas que ele logra elucidar por meio de uma linguagem da qual o parceiro não participa; quando isso ocorre, um não procura mais levar o outro a sério, do ponto de vista hermenêutico, mas distanciá-lo objetivamente, como se ele fosse quase um acontecimento da natureza”. – página 141 (vol. II). Penso também no □□□□ς (logos, verbo, palavra, ação) grego, apresentado na Bíblia como ação: “No princípio é o verbo, e o verbo é com Deus, e o verbo é Deus” (Evangelho de João 1.1 “en arch hn o logoj kai o logoj hn proj ton qeon kai qeoj hn o logoj”.....). Assim como em João 1.2– “...e o verbo se fez carne e habitou entre nós”, Hannah Arendt, (*A Vida do Espírito: o pensar, o querer, o julgar*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002) diz: “Para o filósofo, falando a partir da experiência do ego pensante, o homem é muito naturalmente não apenas verbo, mas *pensamento feito carne*, a encarnação sempre misteriosa, nunca totalmente elucidada da capacidade do pensamento” – página 37.

informações, milhões de coisas que estão acontecendo e que poderão acontecer no futuro próximo ou distante. Bilhões de dados que precisam ser recebidos, armazenados, decodificados e, depois de lidos, jogados (apagados, deletados) ou guardados (confirmados, salvos). Dados que não são dados e sim comprados. Dados que são jogados, arremessados, enviados e captados como realidade virtual<sup>14</sup>. Nesse sentido, a verdade, na nova dimensão, também é uma religião virtual, fala de lugares virtuais, a divindade é virtual, os valores são virtuais, a moral é virtual, enfim, somos e pensamos a virtualidade. É nesse mundo que não haverá choro, não haverá morte, não haverá dor, não haverá sofrimento, doença, onde as primeiras coisas passaram e eis que tudo se faz novo. Basta apenas atualizar o antivírus no seu computador e você se sentirá como se estivesse no terceiro céu.

A Verdade terá que usar o passado para dizer do presente e do futuro, coisas tidas como sem importância quando se pensa em tempo real – embora virtual. O tempo é o instantâneo. Momento dissolvido em *bits*, em *k-bits*, *mega-bits*, e assim por diante. Realidade que se salva ou que se *deleta*. Quem criou a linguagem dos computadores são religiosos ao extremo, são dicotômicos, são dualistas ao modelo dos persas, Ahura Mazda ou Ariman, divindade da luz ou das trevas, ligado ou desligado, linguagem binária, não se pensa mais em linguagem hexadecimal, tudo é ou não é, maniqueísmo ao estilo de Maniqueu<sup>15</sup>. Disse um presidente da grande e única potência mundial: “ou você nos apóia e viverá em paz, livre dos terrorismos, ou você é contra nós – afinal, Deus não é neutro”. Salvar ou *deletar*, eis a questão! Ser ou não ser, disse William Shakespeare (1564-1616).

É preciso transcender o maniqueísmo, o dualismo, o antagonismo, essa visão dual sobre o mundo, sobre o cosmos e suas representações. O imaginário científico tem essa dificuldade do multifocal. Quando muito, o imaginário científico é extremamente bifocal, quer enxergar longe olhando para longe, quer enxergar perto olhando para perto, às vezes é necessária a consciência de que os óculos também são um equilíbrio de graus. Às vezes dão a impressão de que as coisas estão mais perto do que de fato estão, a lente aproxima o distante sem que o distante de fato se aproxime. O imaginário pode provocar muitas ilusões ópticas e

<sup>14</sup> - Hannah Arendt. *A Dignidade da Política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. Diz a autora: “Nada é mais passageiro no mundo, nada é menos estável e sólido do que essa forma de sucesso que traz a fama; nada nos vem com maior rapidez e facilidade do que o esquecimento” – página 175.

<sup>15</sup> - Sábio persa (nascido em 216, na Babilônia), gnóstico, criou religião independente do cristianismo no século III. Principais idéias: Teísmo, ascetismo sexual e alimentar, dualismo da luz e das trevas.

discursar sobre elas como se verdade fossem<sup>16</sup>, utilizando inclusive de linguagem não acessível para a maioria das pessoas.

A perspectiva hermenêutica permite ajustar o foco quando o domínio do conhecimento óptico é obtido. Diz Paul Ricoeur: “alguma coisa foi invertida na consciência humana e temos de inverter a inversão”<sup>17</sup>. Essa talvez seja uma verdade proveniente da veracidade empírica. Inverter o invertido pode significar que onde reside a verdade deva habitar a veracidade, mas também que onde reside a veracidade deva co-habitar a verdade. Tais são as conjecturas que se estabelecem nas divagações sobre verdade e veracidade, verdade e método. O objetivo do pesquisador, resume Kish, “é estreitar o intervalo de confiança sem reduzir a probabilidade de fazer afirmações verdadeiras”<sup>18</sup>. Nesse sentido unimos o método com as técnicas. Não há, como descreverei adiante, métodos e sim método. O que varia são as técnicas. As técnicas são adequadas ao sujeito que as utiliza e ao mundo observável. Todas essas conjecturas nos levam a pensar nas formas de conhecimento relacionadas à história de vida do sujeito.

Talvez seja necessário recordar as sociologias que resgataram o conceito de *Erlebnis* (vida, experiência de vida), explorado por Hans Georg Gadamer. Esse conceito é um resgate das qualidades internas e espirituais da vida humana, é o subjetivo do indivíduo e da sociedade produzido pelo objetivo individual e coletivo, enquanto que a ciência estuda os fatos observáveis, objetivos. Aqui já há ruptura entre subjetivo e objetivo<sup>19</sup>. Uma ruptura que é complementar, pois não se trata de metafísica senão de processo “natural” (natureza

---

<sup>16</sup> - Pierre Bourdieu. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 2ª. São Paulo: Perspectiva, 1987. Sobre isso escreve: “A busca da diferença em matéria de linguagem pode conduzir à ‘bifurcação linguística’ pura e simples, pois as classes cultivadas usam uma linguagem distinta das classes populares” – página 22

<sup>17</sup> - Paul Ricoeur, Op. Cit. página 95.

<sup>18</sup> - Amaury de Souza. Método e improviso, ou como conseguir uma entrevista naquele setor que vai dos fundos da igreja matriz até o córrego e dali às margens do rio Bahia. In: NUNES, Édson de Oliveira (Org.) *A Aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. página 94.

<sup>19</sup> - Hannah Arendt, *A Vida do Espírito: o pensar, o querer, o julgar*. Op. Cit. Trata de apresentar a linguagem como necessária para comunicar o objetivo com o subjetivo: “...a linguagem, o único meio pelo qual é possível tornar manifestas as atividades espirituais não só para o mundo exterior como também para o próprio eu espiritual, não é de modo algum tão evidentemente adequada à atividade do pensamento quanto a visão o é para sua tarefa de ver. Nenhuma língua tem um vocabulário já pronto para as necessidades da atividade espiritual; todas tomam seu vocabulário de empréstimo às palavras originalmente concebidas para corresponder ou a experiências dos sentidos, ou a outras experiências da vida comum” – página 79.

construída pelas sociedades que se sucedem umas as outras desde a pré-história), e por isso mesmo transcendente ao sujeito social<sup>20</sup>.

Destarte, a verdade além e aquém do método, conforme sugerida pela perspectiva hermenêutica, não implica senão em verbalização do mundo, em descrição superficial do mundo e das coisas do mundo. Talvez seja isso a realidade, nada de essência ou substância, apenas substantivos e adjetivos<sup>21</sup>. A vida é a descrição sobre a vida, é discurso que revela e esconde, é compreensão e incompreensão, isso é tudo que conhecemos. Isso é hermenêutica (mais arte que ciência da interpretação) – construção da razão e da experiência de vida. A compreensão é possível a partir do pré-conceito, este, imprescindível para a formação do conceito novo, sem fechar o círculo hermenêutico. Esses são preconceitos legítimos<sup>22</sup> presentes em muitas conclusões científicas ou não. Assim acontece o momento não metódico de Gadamer, ou seja, fundamentado necessariamente na tradição dos preconceitos legítimos; mesmo que deles (os preconceitos) não se tenha consciência, eles estão presentes na vida.

A verdade na perspectiva hermenêutica apresenta ferramentas metodológicas que também permitem a reflexão sobre a veracidade. Ciência é fragmentação, apropriação de valores e verdades que talvez nunca cheguem a ser veracidades. Mas são também veracidades que talvez não chegarão a ser verdades; exercício da racionalidade que ora está fundamentado na empiria, ora fundamentado apenas em teorias abstratas – ditas puras, mas sempre discursivas<sup>23</sup>.

<sup>20</sup> - Karl-Otto Apel, *Transformação da Filosofia II: o a priori da comunidade de comunicação*. São Paulo: Loyola, 2000. Eis um trecho: “A meu ver, o que importa em uma reconstrução conseqüente da filosofia transcendental à luz do conceito *transcendental-hermenêutico* de linguagem é a substituição do ‘ponto mais alto’ da epistemologia kantiana, isto é, da ‘síntese transcendental da apercepção’ enquanto unidade da consciência objetual, pela *síntese transcendental da interpretação mediatizada pela linguagem* – constituinte da validação pública da cognição – enquanto unidade do *acordo mútuo quanto a alguma coisa* em uma *comunidade de comunicação*. Com isso, em lugar da ‘consciência em geral’, suposta metafisicamente por Kant, e que garante desde o início a validação intersubjetiva da cognição, surge o *princípio regulador* da formação crítica de *consensus* em uma comunidade ideal de comunicação, que só pode ser construída na comunidade comunicacional real”. página 402

<sup>21</sup> - O pensamento dialético antigo (dos pré-socráticos até Hegel ) e moderno (Hegel (1770-1831), têm como método de pesquisa na busca da verdade as perguntas e respostas (maiêutica socrática), até as teses – antíteses e sínteses (Hegel). No processo dialético o conhecimento não está só na razão ou só no objeto observado, mas está na relação entre o sujeito e o objeto. Aqui está a construção do sentido através da comunicação.

<sup>22</sup> - H-G Gadamer. *Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 4ª. Petrópolis: Vozes, 2002. página 368.

<sup>23</sup> - Michel Foucault, *Microfísica do Poder*. 17ª Rio de Janeiro: Graal, 2002. Foucault trabalha o discurso sobre a verdade: “Vivemos em uma sociedade que em grande parte marcha ‘ao compasso da verdade’ – ou seja, que produz e faz circular discursos que funcionam como verdade, que passam por tal e que detêm por este motivo poderes específicos. A produção de discursos ‘verdadeiros’ é um dos problemas fundamentais do Ocidente” – página 231.

Mesmo depois de Aristóteles ter priorizado a matéria em detrimento das idéias eternas de Platão, o conhecimento tem tido até pouco tempo o predomínio de algumas teorias (verdades), ficando em segundo plano a empiria (veracidades).

A teoria se constrói pela percepção das imagens do mundo por um lado e pela relação das idéias preconcebidas por outro<sup>24</sup>. Não se pensa fora das teorias a não ser quando e depois de criar novas teorias. A observação descritiva do objeto deve preceder qualquer explicação e interpretação. O que é esse conhecimento? Hessen escreve: “o conhecimento consiste em forjar uma imagem do objeto, e a verdade do conhecimento é a concordância desta imagem com o objeto”<sup>25</sup>. Transcender essa proposição é tarefa da Teoria do Conhecimento ou Epistemologia – que estuda o conhecimento a partir da experiência ou da razão.

Conhecer cientificamente a sociedade é tarefa hercúlea, exaustiva e nem sempre possível. Como descrever cartesianamente experiências que transcendem ao microscópio e aos tubos de ensaio? Como pensar em conhecer aquilo que se nos apresenta sempre de modo diferente, tal como a sociedade? A sociedade que se pretende estudar hoje não será a mesma no dia seguinte<sup>26</sup>. O ser humano está envolvido corpo e alma com o que ocorre consigo e com seu ambiente na relação com o outro diferente. Essa é talvez a mais intensa matéria prima de onde se fabrica as engrenagens que irão tocar o grande moinho a triturar e transformar matérias em sonhos e utopias. Quem não se dá ao luxo de sonhar e imaginar, de criar utopias e crer nelas, esse é alguém que nem sabe se existe, pois existir é duvidar até mesmo da matéria e acreditar no que transcende essa matéria – exemplo são as experiências com a *nano tecnologia*.

O estudo da sociedade se faz antes mesmo da definição do método que se pretenda utilizar – afinal, método é a domesticação da realidade; o problema da objetividade na pesquisa sociológica é que “nunca se pode iniciar o trabalho a partir de um projeto; o processo de trabalho se inicia, conforme o caso, muito mais cedo, no fichário, nos

---

<sup>24</sup> - Hans-Georg Gadamer, *Verdade e Método* I. Op. Cit.: “preconceito (*Vorurteil*) quer dizer um juízo (*Urteil*) que se forma antes do exame definitivo de todos os momentos determinantes segundo a coisa em questão. No procedimento da jurisprudência um preconceito é uma pré-decisão jurídica, antes de ser baixada uma sentença definitiva” – página 360.

<sup>25</sup> - Johannes Hessen, *Teoria do Conhecimento*. Coimbra–Portugal: Armênio Amado, 1987. página 33.

<sup>26</sup> - Earl Babbie, *Métodos de Pesquisa Tipo Survey*. Belo Horizonte: UFMG, 1999. Diz: “Em suma, as ciências sociais são um exemplo ímpar do que o físico Heinz Pagels chama de *as ciências da complexidade*”. página 89.

apontamentos sobre leituras rápidas ou em trabalho mais minucioso”<sup>27</sup>, na preocupação em resolver questões que se apresentam ao sujeito cognoscente.

O método na pesquisa pode utilizar técnicas distintas de acordo com a preferência do pesquisador. Regra geral, o método utilizado ou as técnicas empregadas nada são sem as teorias. Para empregar determinada técnica é importante que o pesquisador lance mão de teorias que fundamentem os estudos empíricos<sup>28</sup> para construir o discurso sobre a verdade/veracidade do objeto observado<sup>29</sup>. Deste modo acontece a decomposição, a enumeração e a classificação da realidade estudada. Entre as técnicas se destacam a quantitativa e a qualitativa.

Se a técnica qualitativa deixa nublada a visão do todo, a quantitativa pode preencher os contornos da imagem do objeto pesquisado. Se a técnica quantitativa não permite ver detalhes desse objeto, então a qualitativa delinea os detalhes do mesmo. Portanto, não há diferenças no resultado da pesquisa, apenas o zoom instrumental aumenta ou diminui segundo as técnicas aplicadas pelo pesquisador. Não há autonomia nas técnicas senão no pesquisador que as aplica.

Quando o pesquisador opta por esta ou aquela técnica, provavelmente o faz depois da problematização e depois de conhecer as teorias que possam fundamentar suas observações. E, como disse na resposta da primeira pergunta, o pesquisador criará um discurso específico que, segundo ele (ou a equipe), consiga expressar melhor suas conclusões sobre a realidade observada. Lembrando que, regra geral, a correspondência entre sujeito e objeto se dá a partir de consenso social, na sociedade de comunicação. Portanto, a verdade é consensual, acordada, negociada, aceita ou negada. A veracidade, mais objetivada, mensurada, demonstrada através das técnicas e fundamentada através das teorias, se propõe transcender ao sujeito para representar, à compreensão, o objeto.

---

<sup>27</sup> - Achim Schrader. *Introdução à pesquisa social empírica: um guia para o planejamento, a execução e a avaliação de projetos de pesquisa não-experimental*. Porto Alegre: Globo/Ufrgs, 1974. página 17.

<sup>28</sup> - Gary King, Robert O. Keohane & Sidney Verba. *Designing Social inquiry: scientific inference in quantitative research*. Princeton University Press, 1994. “social science does not operate strictly according to rules: ... data ... constructed the theory in the first place”. Página 22.

<sup>29</sup> - Laurence Bardin. *L'analyse de contenu*. Paris: PUF, 1977. Na terceira parte trata da técnica (o como?) e da teoria (o por quê?).

E assim, “La elección del método de investigación debe depender también, al menos en parte, de las exigencias de la situación de investigación de que se trate”<sup>30</sup>. É deste modo que o pesquisador parte do conhecido ao desconhecido, para que o desconhecido seja conhecido e daí partir novamente para o desconhecido e assim continuar indefinidamente o processo dialético do conhecimento no círculo hermenêutico.

## REFERÊNCIAS

APEL, Karl-Otto. *Transformação da Filosofia I: filosofia analítica, semiótica e hermenêutica*. São Paulo: Loyola, 2000.

APEL, Karl-Otto. *Transformação da Filosofia II: o a priori da comunidade de comunicação*. São Paulo: Loyola, 2000.

ARENDT, Hannah. *A Vida do Espírito: o pensar, o querer, o julgar*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

ARENDT, Hannah. *A Dignidade da Política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

BABBIE, Earl. *Métodos de Pesquisa Tipo Survey*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

BARDIN, Laurence. *L'analyse de contenu*. Paris: PUF, 1977.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 2ª. São Paulo: Perspectiva, 1987.

DESCARTES, René. *Discurso do Método*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 17ª Rio de Janeiro: Graal, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 4ª. Petrópolis: Vozes, 2002.

GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

HESSEN, Johannes. *Teoria do Conhecimento*. Coimbra–Portugal: Armênio Amado, 1987.

KING, Gary, KEOHANE, Robert O. & VERBA, Sidney. *Designing Social inquiry: scientific inference in quantitative research*. Princeton University Press, 1994.

LE GOFF, Jacques. *A Nova História*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

---

<sup>30</sup> Charles S. Reichardt & Thomas D. Cook. *Hacia una superacion del enfrentamiento entre los metodos cualitativos y los cuantitativos*. In: Métodos cualitativos y cuantitativos en investigación evaluativa. Madrid: Morata, 2000. página 37.

NUNES, Édson de Oliveira (Org.) *A Aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

REICHARDT, Charles S. & COOK, Thomas D. Hacia una superacion del enfrentamiento entre los metodos cualitativos y los cuantitativos. In: *Métodos cualitativos y cuantitativos en investigación evaluativa*. Madrid: Morata, 2000.

RICOEUR, Paul. *Interpretação e Ideologias*. 3ª. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

SCHRADER, Achim. *Introdução à pesquisa social empírica: um guia para o planejamento, a execução e a avaliação de projetos de pesquisa não-experimental*. Porto Alegre: Globo/Ufrgs, 1974.